

EVOLUÇÃO DA CARGA NO SISTEMA INTERLIGADO NACIONAL E SUBSISTEMAS

1.1. Sistema Interligado Nacional

A carga de energia do SIN verificada no mês de março/26 apresentou avanço de 1,4% em relação ao valor verificado em março/25. Com relação ao mês de fevereiro/26, observou-se uma retração de 1,7%. No acumulado dos últimos 12 meses, a carga do SIN apresentou suave variação positiva de 0,6% em relação ao mesmo período anterior, tendo a taxa de crescimento recuado suavemente em 0,1 p.p. com relação a variação com 12 meses findos em fevereiro. No primeiro trimestre do ano, a carga de energia do SIN avançou 0,3% com relação ao primeiro trimestre de 2025, resultando em uma carga de 86.383 MW médios.

A Tabela 1, a seguir, apresenta os dados de carga e as variações percentuais com destaque para as taxas de crescimento da carga ajustada (*) em relação ao mesmo mês do ano anterior, onde são excluídos os efeitos de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga.

Tabela 1 – Evolução da carga

SUBSISTEMAS	Mar/26 (MWmédio)	Variação %				
		Mar-26 /Mar-25	Mar-26/Mar-25 ajustado ⁽¹⁾	Mar-26 /Fev-26	Acumulado do ano ⁽²⁾	Acumulado 12 meses ⁽³⁾
SIN	87.419	1,4%	1,3%	-1,7%	0,3%	0,6%
SE/CO	48.610	-1,4%	-0,9%	-1,4%	-1,8%	-1,1%
Sul	16.262	4,1%	3,5%	-0,3%	0,0%	0,9%
Nordeste	13.988	4,2%	3,1%	0,7%	4,7%	2,6%
Norte	8.560	9,0%	7,4%	4,5%	7,4%	6,5%

(1) Exclui o efeito de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga.
 (2) Cresc. acum. do Ano (Jan/26-Mar/26) / (Jan/25-Mar/25)
 (3) Cresc. acum. De 12 meses (Abr/25 -Mar/26) / (Abr/24- Mar/25)

Obs.: O detalhamento por classe de consumo encontra-se informado na Resenha de Mercado da EPE do mês de março/25.

DESTAQUES: Em março

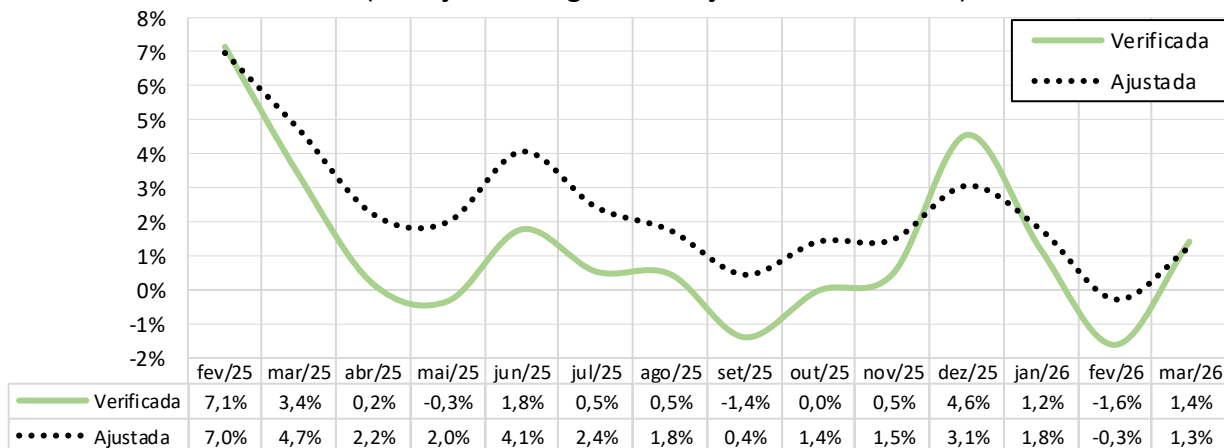
- Avanço de 1,4% na carga do SIN, em relação a março/25.
- Monitor do PIB da FGV avançou 0,6% na margem e 0,3% com relação a fevereiro/25.
- O Índice de Incerteza Econômica, da FGV, avançou 9,5 pontos.
- O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da FGV, avançou 0,1 pontos.
- O Índice de Confiança dos Serviços (ICS) da FGV recuou 1,8 pontos.
- A confiança dos consumidores (ICC) da FGV avançou 2,0 pontos.
- O índice de Confiança do Comércio (ICOM) da FGV recuou 2,7 pontos.
- Taxa de desocupação de 6,1% no trimestre findo em março.

A variação positiva de 1,3% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto de 0,2 p.p. sobre desempenho da carga do SIN, sendo o resultado fortemente influenciado pela ocorrência de temperaturas máximas girando em torno da média em todas as regiões que compõem os subsistemas. Temperaturas mais amenas no Rio de Janeiro que em março de 2025, também contribuíram para o resultado.

O Gráfico 1, a seguir, apresenta uma comparação entre as taxas de variação da Carga Verificada e da Carga Ajustada do SIN.

Gráfico 1: SIN

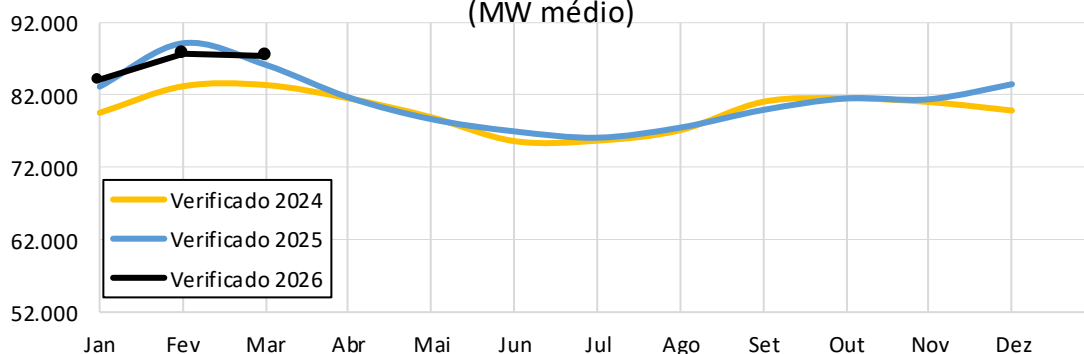
(variação da carga em relação ao ano anterior)



O comportamento da carga de energia do SIN ao longo do ano pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2: SIN - Carga de energia

(MW médio)



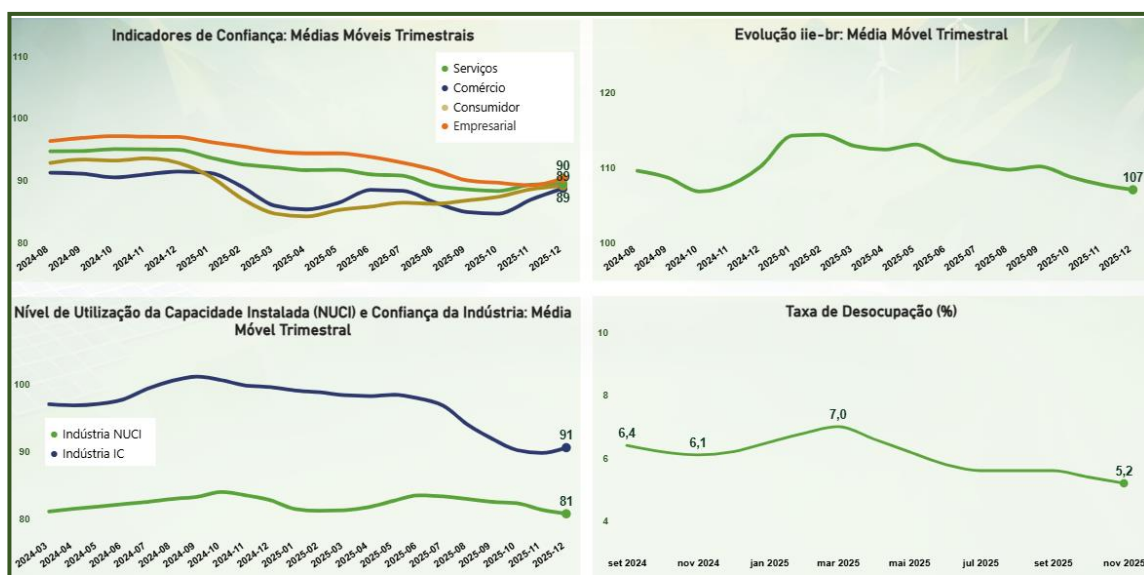
O Quadro 1 mostra que, em março, houve avanço na confiança do consumidor, da indústria e da construção, enquanto o comércio e os serviços tiveram forte recuo, resultando em uma queda de 0,4 pontos no Índice de Confiança Empresarial (ICE) da FGV, atingindo 91,9 pontos e, correspondendo a segunda queda consecutiva do índice. Segundo a FGV, esse resultado é reflexo das incertezas provenientes do conflito no Oriente Médio e a consequente pressão sobre o preço do petróleo e sob a inflação doméstica. Comportamento análogo é observado no Indicador de Incerteza da Economia (IIE-Br), que apresentou forte recuo de 9,5 pontos em março, encerrando o trimestre com 115 pontos e atingindo um nível elevado de incerteza também impulsionado pela Guerra no Irã e as incertezas quanto aos seus desdobramentos globais.

No que tange ao comportamento da confiança setorial, alta de 2,0 pontos do Índice de Confiança do Consumidor (ICC), alcançando 88,1 pontos, devido a melhora das expectativas futuras. A alta da confiança foi disseminada entre as faixas de renda e reflete a percepção financeira futura das famílias, que reduziram o pessimismo quanto as finanças pessoais. Para a FGV, o resultado também é consequência da manutenção da renda, do atual controle inflacionário e da redução da taxa de juros. O avanço de 2,1 pontos (alcançando 93,6 pontos) na confiança da construção está ancorada na expectativa frente aos investimentos privados já contratados para o ano e no ciclo eleitoral, mesmo com a escassez de mão de obra, que traz consigo um certo pessimismo. A confiança da indústria apresentou estabilidade relativa ao avançar somente 0,1 pontos (e atingir 96,8 pontos), mas mantém nas médias móveis trimestrais tendência de crescimento, ao avançar 1,4 pontos. De acordo com a FGV, o resultado acende um sinal de alerta, principalmente em um contexto de cenário macroeconômico internacional de alta de preço do petróleo e possíveis desarranjos na cadeia produtiva. Tal fato conjugado a atual política monetária restritiva propiciam o atual cenário de cautela quanto ao futuro. A confiança dos serviços e do comércio mostrou forte revés ao recuar 1,8 pontos e 2,7

pontos (atingindo 88,4 pontos e 84,6 pontos), respectivamente. O resultado da confiança em ambos os setores também é impactado pela atual turbulência internacional e seus possíveis reflexos sob a economia brasileira que, superaram em sobre medida os efeitos positivos da redução da taxa de juros. Para a FGV, o comércio encerra o primeiro trimestre de 2026 em um ambiente desafiador, em um contexto de política monetária restritiva no curto prazo, alto endividamento das famílias com um mercado de trabalho resiliente, mas sem força suficiente para aquecer a demanda do setor.

No mercado de trabalho, os dados mais recentes da PNAD Contínua mostram uma taxa de desocupação de 6,1% no trimestre encerrado em março, indicando uma redução de 0,9 p.p. em relação a março de 2025. Esse corresponde ao menor índice da série histórica para esse período. Comparado com 2025, a população ocupada recuou 1,0% no trimestre ao atingir 102 milhões de pessoas ocupadas, enquanto a renda média mensal cresceu 5,5% no ano, correspondendo a R\$ 3.722. Segundo o CAGED, em março, houve a criação de 228,2 mil empregos formais, especialmente no setor de serviços, encerrando o primeiro trimestre do ano com um total de, aproximadamente, 613,4 empregos formais criados.

Quadro 1 – Indicadores de Confiança da Economia Real e Utilização da Capacidade Instalada (FGV)

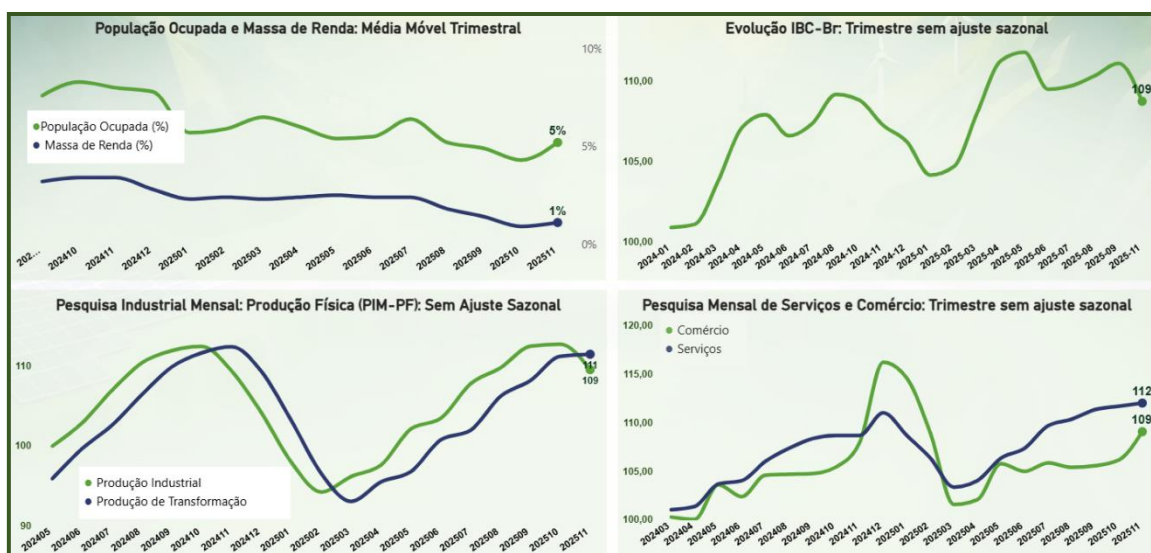


O Quadro 2 reúne indicadores de atividade econômica e mercado de trabalho acompanhados por IBGE, FGV e Banco Central. Quanto a atividade econômica, tanto o Monitor do PIB quanto o IBC-br apontam aumento de 0,6% da atividade econômica em fevereiro/26 quando comparado com janeiro/26, no entanto, na análise interanual o Monitor do PIB aponta um avanço de 0,3% na atividade enquanto o IBC-br indica recuo de 0,3% em relação a fevereiro/25. No acumulado de 12 meses, o avanço estimado é de 2,0% para a FGV e de 1,9% para o Banco Central, resultando no acumulado do ano em um crescimento de somente 0,4%. A FGV, sob a ótica da demanda destaca o crescimento do consumo das famílias, que mostra recuperação frente ao comportamento observado no segundo semestre de 2025, e da formação bruta de capital fixo. Sob a ótica da oferta, a instituição menciona o expressivo crescimento da indústria de transformação, da extrativa mineral e do comércio no trimestre findo em fevereiro.

Os resultados da atividade econômica setorial (PMC, PIM-PF e PMS) apontam estabilidade relativa no setor de serviços (avanço de 0,1% com relação a janeiro/26 e crescimento de 0,5% em relação a fevereiro/25) e suave avanço na indústria (0,9% com relação a janeiro/26 e recuo de 0,7% em relação a fevereiro/25) e comércio (crescimento de 0,6% com relação a janeiro/26 e de 0,2% em relação a fevereiro/25). Para o IBGE, fatores macroeconômicos seguem influenciando o desempenho da indústria, tal como a atual política monetária que tende a encarecer as linhas de crédito e reduzir os investimentos. Ainda segundo a instituição, os serviços prestados às famílias o resultado do setor de comércio é reflexo do retorno do protagonismo das atividades que ofertam produtos básicos do comércio (hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo).

Em síntese, os indicadores de produto e renda sugerem uma economia que continua crescendo, ainda em ritmo moderado refletindo o efeito sobretudo da política monetária contracionista. No entanto, o consumo das famílias e os serviços prestados às famílias começam a demonstrar retomada.

Quadro 2 – Indicadores de Produto e Renda



O Quadro 3 apresenta a evolução dos principais indicadores financeiros em março de 2026. De acordo com o Banco Central do Brasil, o risco-país, medido pelo CDS de 5 anos, encerrou o mês com 140 pontos-base, apresentando aumento de 7 pontos, como reflexo das condições financeiras globais e pelo aumento das tensões geopolíticas no Oriente Médio.

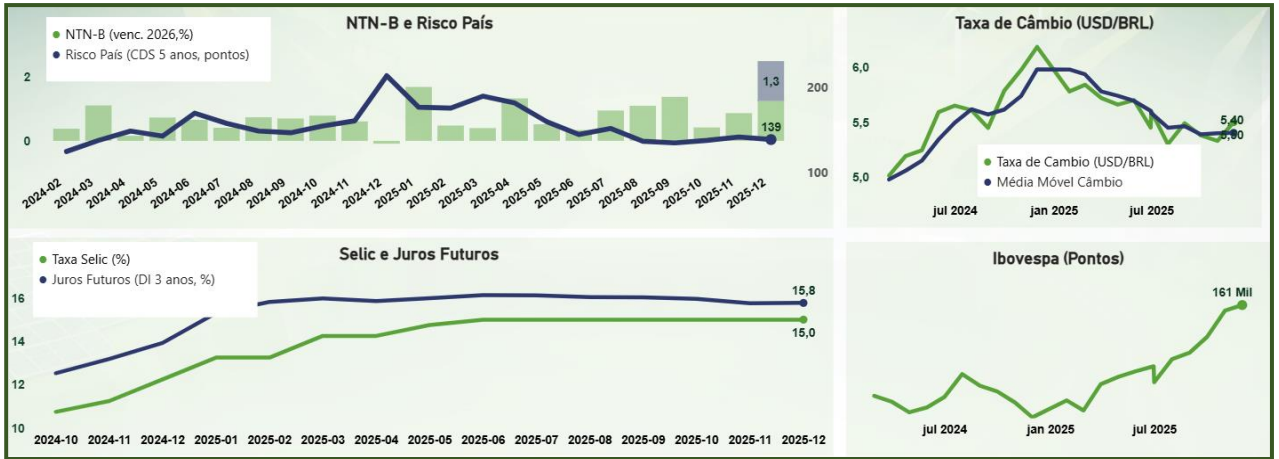
No mercado cambial, as séries oficiais do Banco Central (PTAX) indicam que o dólar comercial encerrou março próximo de R\$ 5,21, com média móvel em torno de R\$ 5,23. Apesar da queda no final do mês, a moeda oscilou, passando por momentos de pressão devido as incertezas no Oriente Médio.

No âmbito da política monetária, o Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu a taxa Selic em 0,25 p.p. para 14,75% ao ano, conforme comunicado oficial do Banco Central. A adoção de uma postura de cautela se dá devido ao aumento das incertezas globais decorrentes dos conflitos no Oriente Médio.

No mercado de juros, as taxas futuras apresentaram retração, com o DI de 3 anos ao redor de 14,65% ao ano, em linha com as informações divulgadas pela B3 em seus canais de dados de mercado. Em conjunto, esses sinais seguem compatíveis com um cenário em que a política monetária permanece restritiva e o mercado continua monitorando a convergência da inflação e o balanço de riscos.

Por fim, o mercado acionário apresentou leve queda em março, com o Ibovespa encerrando março em torno de 187,5 mil pontos, com nível inferior ao observado em fevereiro, conforme estatísticas históricas disponibilizadas pela B3. Apesar do recuo no referido mês, o primeiro trimestre do ano acumulou alta de 16,35%, impulsionado pelo alívio no petróleo e otimismo externo.

Gráfico 3 – Indicadores Financeiros



1.2. Subsistema Sudeste/Centro-Oeste

Para o subsistema Sudeste/Centro-Oeste, a carga de energia verificada no mês de março/26 apresentou retração de 1,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (fevereiro/26), verificou-se retração de 1,4%. Em março, no acumulado de 12 meses, o subsistema Sudeste/Centro-Oeste apresentou, retração de 1,1% em relação ao mesmo período anterior, tendo a taxa de crescimento recuado suavemente em 0,4 p.p. com relação a variação com 12 meses findos em fevereiro. No primeiro trimestre do ano, a carga de energia do subsistema retraiu 1,8% com relação ao primeiro trimestre de 2025, resultando em uma carga de 48.239 MW médios.

Das condições climáticas para o subsistema, observou-se, em março, temperatura máxima entre a média e inferior à média climatológica tanto na Região Sudeste quanto na Centro-Oeste, devido à ocorrência de nebulosidade e de precipitação durante a maior parte do mês, conjugado ao episódio de ZCAS do início do mês. Em relação a março de 2025, houve declínio da temperatura no Rio de Janeiro e, suave declínio em São Paulo e Belo Horizonte. Em Vitória e nas capitais da Região Centro-oeste observou-se estabilidade. A configuração de um episódio da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) contribuiu também para um acumulado de precipitação superior à média mensal no centro-oeste do estado de São Paulo, em Minas Gerais, Espírito Santo e no norte do estado do Rio de Janeiro.

A retração de 0,9% na carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto de -0,5 p.p. sobre desempenho da carga do subsistema, tendo como destaque a ocorrência temperaturas inferiores as observadas em 2025 em grande parte das capitais da Região Sudeste e temperaturas máximas entre a média e inferior a média climatológica. O acumulado de precipitação também foi superior ao esperado para essa época do ano.

O comportamento da carga de energia do subsistema Sudeste/Centro-Oeste bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3: SE/CO - Carga de energia
(MW médio)

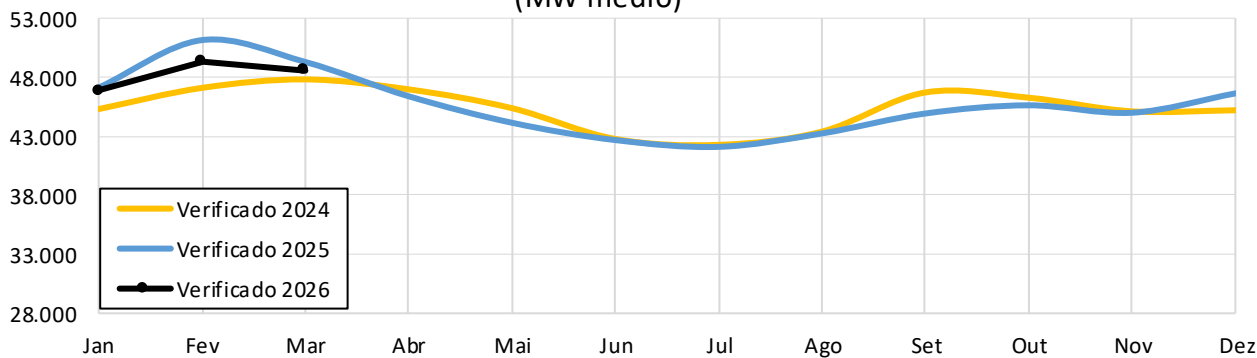
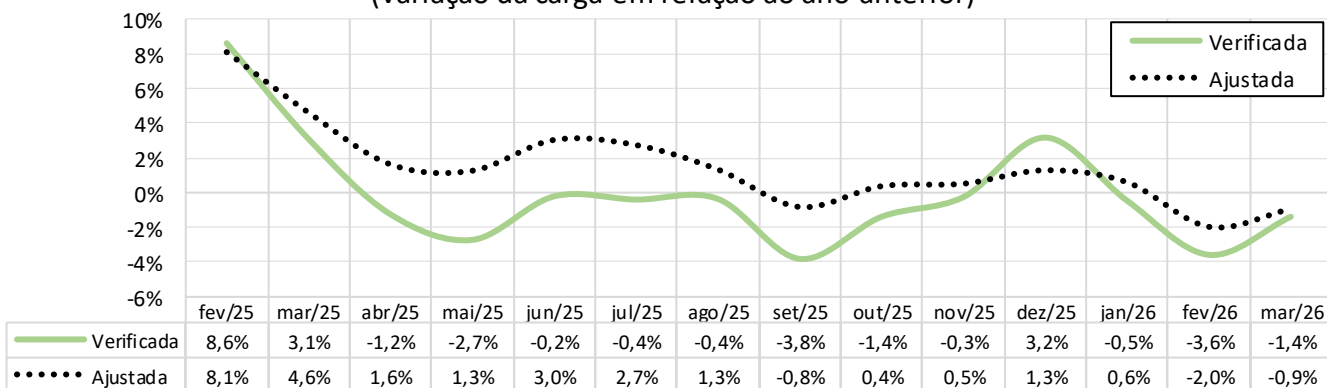


Gráfico 4: Subsistema SE/CO
(variação da carga em relação ao ano anterior)



1.3. Subsistema Sul

Para o subsistema Sul, a carga de energia verificada no mês de março/26 apresentou avanço de 4,1% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (fevereiro/26), verificou-se suave retração de 0,3%. Em março, no acumulado de 12 meses o subsistema apresentou, avanço de 0,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo, assim, retraído 0,1 p.p. com relação a variação com 12 meses findos em fevereiro. No primeiro trimestre desse ano, a carga de energia do subsistema apresentou estabilidade em relação ao primeiro trimestre de 2025, resultando em uma carga de 15.839 MW médios.

Das condições climáticas para o subsistema, observa-se, temperaturas extremas (mínima e máxima) entre a média e acima da média e estabilidade com relação a março de 2025. O acumulado de precipitação observado no mês de março foi inferior a média esperada para o mês. Tem-se então que o avanço de 3,5% da carga ajustada indica que os efeitos fortuitos tiveram impacto de 0,7 p.p. no desempenho da carga devido à observação de acumulado de precipitação inferior à média climatológica e temperaturas extremas girando em torno da média.

O comportamento da carga de energia do subsistema Sul bem como as taxas de variação da Carga Verificada e da Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 5 e 6.

Gráfico 5: Sul - Carga de energia
(MW médio)

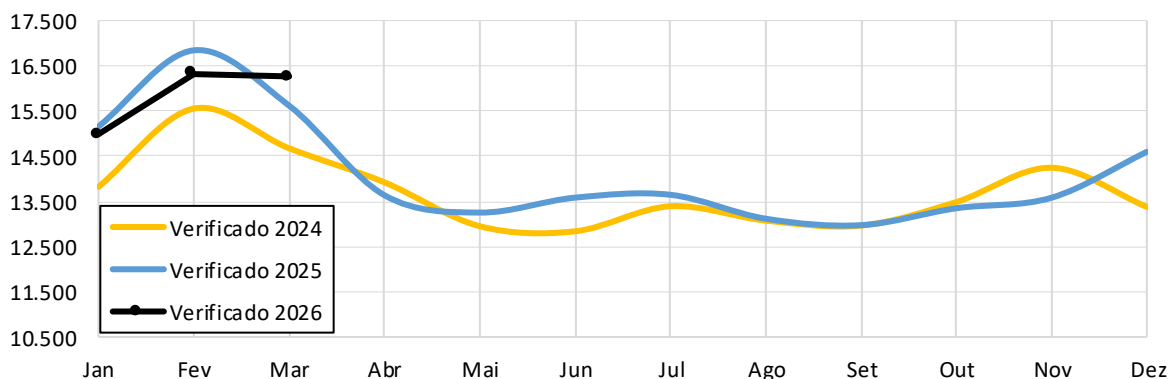
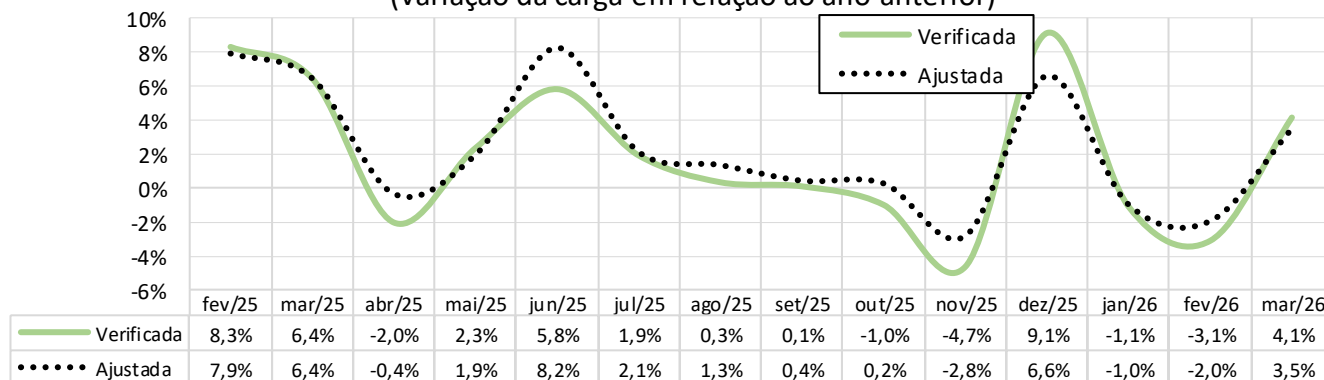


Gráfico 6: Subsistema Sul

(variação da carga em relação ao ano anterior)



1.4. Subsistema Nordeste

A carga de energia verificada no mês de março/26 apresentou avanço de 4,2% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (fevereiro/26), verificou-se suave avanço de 0,7%. No acumulado de 12 meses para o subsistema apresentou avanço de 2,6% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo, assim, aumentado a taxa de crescimento em 0,4 p.p. em relação a variação com 12 meses findos em fevereiro. No primeiro trimestre desse ano, a carga de energia do subsistema cresceu 4,7% com relação ao primeiro trimestre de 2025, resultando em uma carga de 13.994 MW médios.

Das condições meteorológicas para o subsistema, observou-se, em março, temperatura máxima próxima a média climatológica, sem a ocorrência de anomalias significativas, além de ter-se estabilidade em relação a temperatura de março de 2025. O acumulado de precipitação superior à média, especialmente na Bahia e no centro-sul do Piauí devido a configuração de um episódio da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) no início do mês no estado da Bahia.

O avanço de 3,1% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos impactaram no desempenho da carga desse subsistema em 1,0 p.p., sendo o resultado influenciado pela ocorrência de temperaturas sem anomalias significativas e estáveis com relação ao mesmo mês do ano anterior.

O comportamento da carga de energia do subsistema Nordeste bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 7 e 8.

Gráfico 7: Nordeste - Carga de energia
(MW médio)

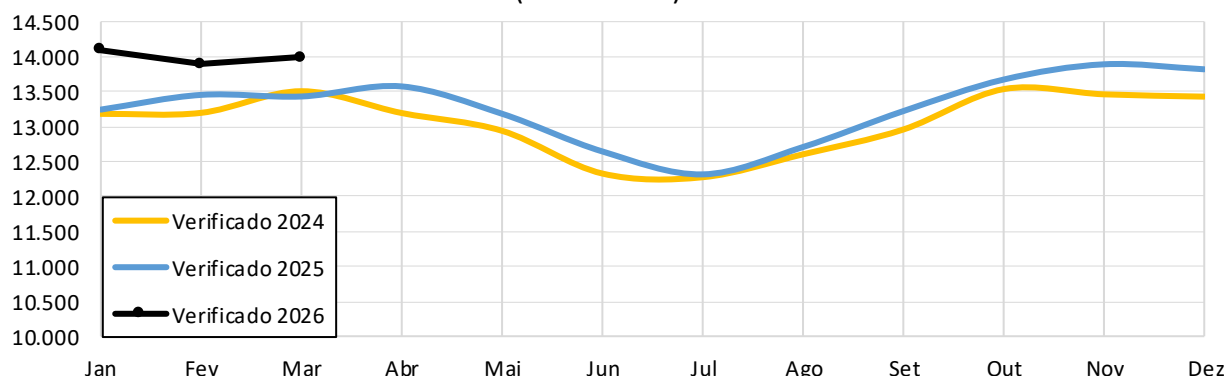
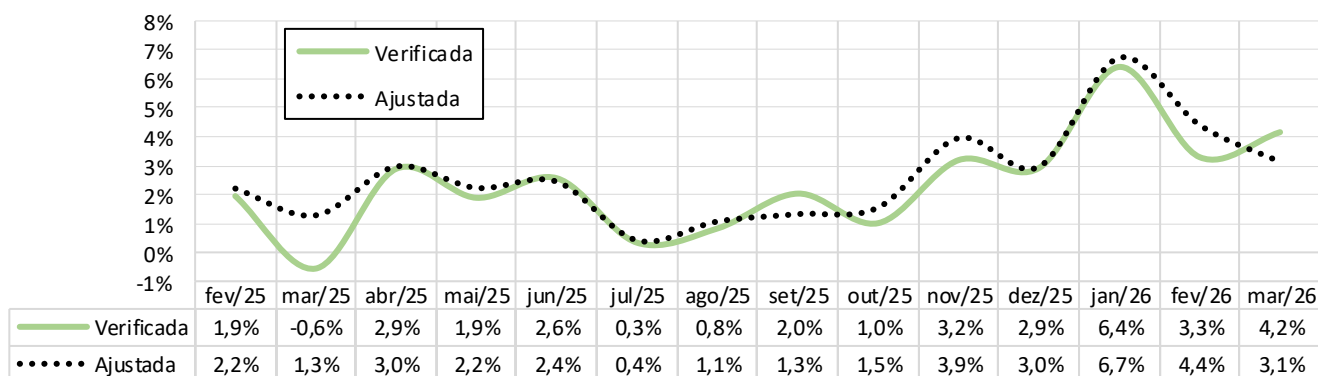


Gráfico 8: Subsistema Nordeste
(variação da carga em relação ao ano anterior)



1.5. Subsistema Norte

A carga de energia verificada no mês de março/26 apresentou avanço de 9,0% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (fevereiro/26), verificou-se avanço de 4,5%. No acumulado de 12 meses para o subsistema apresentou, avanço de 6,5% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo, assim, avançado 0,3 p.p. em relação a variação com 12 meses findos em fevereiro. No primeiro trimestre desse ano, a carga de energia do subsistema cresceu 7,4% com relação ao primeiro trimestre de 2025, resultando em uma carga de 8.310 MW médios.

Quanto as condições meteorológicas, foi observado, em março, temperatura máxima próxima a média climatológica, sem a ocorrência de anomalias significativas. O acumulado de precipitação foi inferior à média esperada para o mês, com exceção do litoral do Maranhão, onde verificou-se precipitação superior à média.

O avanço de 7,4% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos impactaram no desempenho da carga desse subsistema em 1,6 p.p., sendo o resultado influenciado por um acumulado de precipitação inferior a média na maior parte da região.

O comportamento da carga de energia do subsistema Norte bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 9 e 10.

Gráfico 9: Norte - Carga de energia
(MW médio)

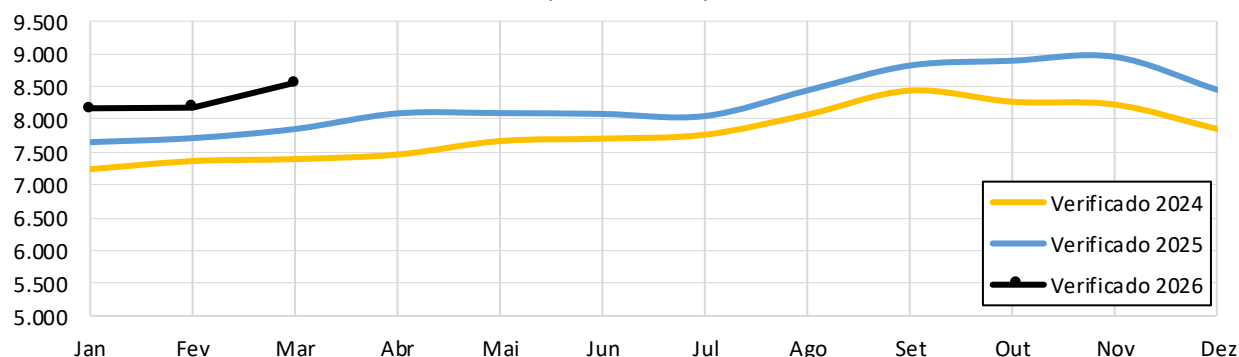
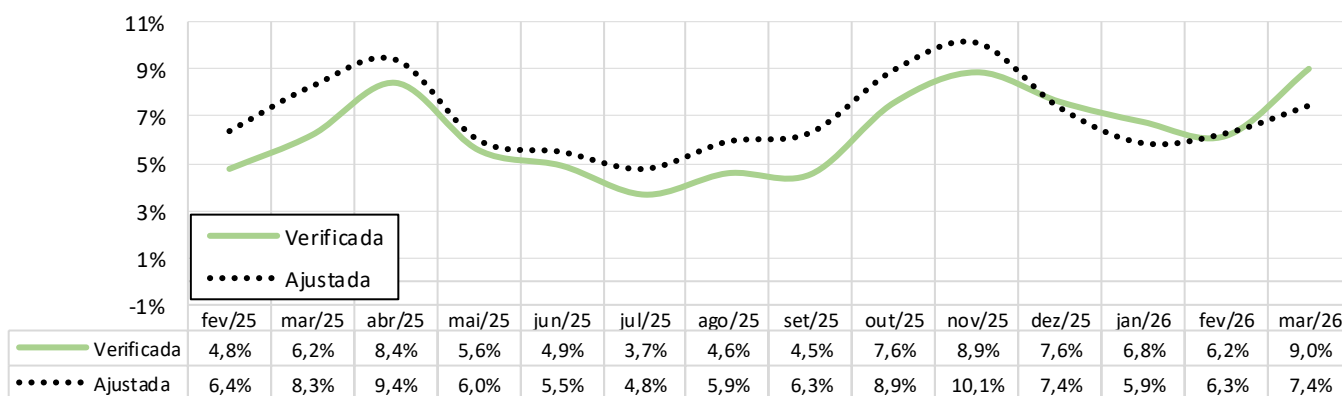


Gráfico 10: Subsistema Norte
(variação da carga em relação ao ano anterior)



Observação:

Carga Ajustada (*)

Os ajustes realizados de forma a excluir o efeito de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga são:

Temperaturas atípicas - a carga ajustada é estimada utilizando as temperaturas típicas para a época do ano em cada subsistema e não as temperaturas efetivamente verificadas. Assim, em um mês excepcionalmente quente a carga ajustada é menor que a carga verificada, o oposto ocorrendo em um mês com temperaturas atipicamente amenas. No momento o efeito da temperatura ainda não está sendo expurgado do Subsistema Norte.

Calendário - a carga ajustada é estimada usando um calendário normalizado. Isto permite compensar as variações no número de dias de carga normalmente baixa (sábados, domingos e feriados) ao longo dos meses, tornando os dados mais facilmente comparáveis.

Perdas na rede básica - as perdas na rede básica são calculadas pelo ONS, decorrem da forma como o sistema é operado, e não têm qualquer implicação econômica. Por isso são excluídas da carga ajustada.

O conteúdo desta publicação foi produzido pelo ONS com base em dados e informações de conhecimento público. É de responsabilidade exclusiva dos agentes e demais interessados a obtenção de outros dados e informações, a realização de análises, estudos e avaliações para fins de tomada de decisões, definição de estratégias de atuação, assunção de compromissos e obrigações e quaisquer outras finalidades, em qualquer tempo e sob qualquer condição. É proibida a reprodução ou utilização total ou parcial do presente sem a identificação da fonte.